

Carol Bowman

O amor me trouxe de volta

*Histórias emocionantes sobre
reencarnação em família*



SEXTANTE

PREFÁCIO

Jamais me esquecerei da primeira vez que carreguei um recém-nascido nos braços. Observei seu corpo e suas mãos, tão minúsculos, em completa admiração. Ao colocá-lo perto de meu coração, fiquei maravilhado diante da pureza e do prodígio desse milagre chamado nascimento. E, como a maioria das pessoas, ao olhar para ele não pude deixar de pensar a respeito de sua vida futura neste planeta. Nos meus braços estavam esperanças, promessas e sonhos para uma nova geração. Ali não estava apenas um corpo recém-formado, mas um espírito eterno, pronto para começar a dança da vida mais uma vez.

Cada espírito compõe o seu próprio mapa infinito de experiências. Os acontecimentos de existências anteriores ficam impressos em sua memória e todas as fraquezas e forças são utilizadas para o crescimento e a aprendizagem. A consciência se forma e evolui desse conhecimento para desenvolver o nosso eu e incorporá-lo aos singelos porém complexos significados da vida.

Cada um de nós tem um destino para o próprio espírito, mas não percorremos sozinhos essa jornada de conhecimento. Ao contrário, ela é compartilhada. Optamos por voltar, aprender e evoluir com aqueles a quem amamos outrora. Embora personagens, papéis e situações sejam diferentes, esses laços de amor e familiaridade são inerentes a todos nós. Por isso, somos nossas famílias e nossos amigos. E assim, compartilhando, aprendendo, amando, entrando em contato com diversas personalidades, numa variedade de situações, nos tornamos apenas um em nossa busca pela verdade e pelo entendimento.

As crianças são alguns dos mais importantes mestres. Seus pontos de vista são honestos e imparciais. Suas mentes ainda não estão aprisionadas ou condicionadas pelos medos e inseguranças que controlam os adultos. Não há crítica ou quaisquer outras intenções ocultas em suas palavras. As crianças sabem quem são e o que querem e nos passam essas informações sem que seja preciso perguntar.

Elas também estão muito mais sintonizadas com a intuição. Ainda não formaram uma consciência religiosa ou um sistema de crenças e, por isso, se baseiam em seus *sentimentos* ou *sentidos* para obter respostas. Parte dessa consciência se deve ao fato de que elas chegaram há pouco tempo do mundo espiritual e à sua maneira de pensar, ainda rica de influências de tal mundo.

Em nosso limitado mundo físico tridimensional não foram criadas máquinas capazes de medir as experiências do espírito ao longo do tempo. Quando falamos de uma alma, uma consciência ou outra dimensão, que métodos científicos podem ser utilizados? Nenhum. Seria o mesmo que procurar agulha em palheiro.

Em outro nível, porém, a *consciência* é real e tangível, como podemos perceber por meio da meditação e das experiências de quase morte e saída do próprio corpo. Compatíveis com essas situações estão aquelas em que as crianças têm memórias e fornecem detalhes consistentes que ultrapassam o seu limite de conhecimento. O fato de fobias irracionais e problemas de saúde terem sido atenuados por terapia de regressão demonstra clara e irrefutavelmente a existência da consciência do espírito.

O espírito é ilimitado. Não somos nossos cérebros, nossos corpos, nossas roupas ou nossas casas. Não somos nossas contas-correntes, nossos empregos, nossos países, nem mesmo nossos nomes. Somos muito, muito mais. Somos seres espirituais cuja língua nativa é o amor.

Finalmente chegou o tempo de nos abriremos para essa nova consciência do espírito. É por isso que este livro é tão importante, não apenas como uma coleção de histórias curiosas, mas como uma coleção de lições para guiar nossas vidas. Quando pensamos em nós mesmos como seres eternos, nossas vidas adquirem um papel mais significativo e percebemos os detalhes do delicado tecido de nossa existência. Compreendemos os significados que se escondem atrás de nossas interações com nossas famílias, amigos e colegas de trabalho. Vemos como nossos pensamentos e ações anteriores nos ajudaram a moldar nossa vida atual e passamos a utilizar uma *consciência cautelosa* em cada uma de nossas escolhas, sabendo que elas terão repercussões a longo prazo. Vivemos uma vida em que essas escolhas têm enorme valor.

A Terra é a escola do espírito. É um lugar para o qual retornamos

muitas e muitas vezes para avançar na estrada da autoconsciência. Nutrirmos a esperança de que, com todas as nossas experiências e a variedade de cenários nos quais vivemos, alcançaremos um maior entendimento sobre nós mesmos. Somente quando formos capazes de nos enxergar honestamente e de ser responsáveis por nós mesmos, conseguiremos perceber que somos todos um ser único e contemplaremos o verdadeiro sentido de Deus.

JAMES VAN PRAAGH

INTRODUÇÃO

Quando morre um ente querido – um avô, uma tia, um irmão ou um filho –, essa perda nos parece tão imensa, tão triste, tão definitiva, que ansiamos por vê-los uma vez mais, ouvir sua voz, sentir sua presença. Se ao menos pudéssemos estar juntos de novo!

Console-se um pouco na crença de que, após a morte, vamos nos reunir com nossos entes queridos no mundo espiritual. Mas e se você soubesse que é possível estar com eles novamente, nesta mesma existência, sem ter que morrer? E se eu lhe dissesse que há fortes indícios de que os espíritos de nossos entes queridos podem voltar e se juntar a nós – não em um sonho ou uma visão, nem por meio de um médium, mas na vida real, pela reencarnação, como um bebê nascido na família?

É possível. As histórias reais que vou dividir com você neste livro são extraordinários testemunhos da realidade da reencarnação dentro de uma mesma família: avós retornando como seus próprios bisnetos, tios voltando como seus sobrinhos, mães trocando de papel com suas filhas. E talvez a mais impressionante de todas as revelações seja o fato de que crianças mortas tragicamente cedo podem retornar, dentro de poucos anos, para a mesma mãe.

Todas as histórias deste livro se concentram em crianças bem pequenas, algumas com apenas 2 anos, que começam a falar espontaneamente sobre suas vidas passadas, sem nenhum estímulo ou hipnose. Em muitos casos, a criança vive numa família que não acreditava em reencarnação antes do ocorrido. Quando isso acontece, as evidências que testemunham, vindas de seus próprios filhos, convencem todos de que um parente morto renasceu em sua família.

Você vai acompanhar o processo de descoberta dessas famílias no instante em que começam a suspeitar que seu filho é um parente renascido. Em geral, quando a criança começa a formar frases completas, passa também a fazer afirmações de chocante precisão sobre a vida de um parente morto – fatos que ela não teria como saber em tão

tenra idade. Muitas vezes, a família reconhece na criança comportamentos que espelham as singularidades e a personalidade do morto. Em alguns casos, descobre que o corpo da criança traz marcas de nascença que combinam perfeitamente com feridas ou cicatrizes que o parente tinha à época de sua morte – marcas que não podem ser atribuídas à hereditariedade.

Eu vinha pesquisando sobre vidas passadas de crianças há mais de uma década quando percebi, pela primeira vez, a existência desses casos especiais de *retorno em família*. Eles me mostraram algo que não havia notado antes: como a reencarnação familiar pode acontecer e como as emoções e as questões de relacionamento perduram de uma vida para a próxima. A descoberta do retorno em família aprofundou minha compreensão sobre a reencarnação e mudou o foco de minha pesquisa.

Em 1988, quando iniciei minhas investigações a respeito de vidas passadas em crianças, fui despertada para o assunto não como pesquisadora, nem mesmo como escritora, mas como uma mãe que procurava respostas para o que estava acontecendo aos seus próprios filhos. Tudo começou quando minha filha se lembrou de ter morrido muito tempo atrás numa casa incendiada e meu filho deu uma descrição realística de sua morte em meio ao horror e ao caos de uma batalha, durante a Guerra Civil americana. Fiquei atônita com o que ouvi, porque naquela época eu não tinha a menor ideia de que crianças podiam se lembrar de vidas passadas. Mas o que meus filhos estavam dizendo era tão real e tão detalhado, suas emoções tão adequadas à situação, que tive certeza de que não se tratava de algo a que tivessem assistido na televisão ou ouvido de alguém. Como mãe, eu sabia. O argumento decisivo veio alguns dias depois: como resultado dessa lembrança de vidas passadas, meus dois filhos se curaram repentinamente de problemas crônicos.

Isso tudo foi tão inesperado e impressionante que abriu meus olhos para um mundo novo de possibilidades e encheu minha mente de perguntas. Eu tinha que saber mais sobre o que se passara com meus filhos. E fiquei imaginando: se isso aconteceu a eles tão naturalmente, quantas crianças mais estariam se lembrando de suas vidas passadas? Vasculhei livrarias e bibliotecas à procura de um livro que pudesse responder às minhas questões e me dizer o que fazer. Nessa busca, descobri o traba-

lho de Ian Stevenson, da Universidade da Virgínia, que passara 40 anos documentando e verificando milhares de casos de memórias infantis de vidas passadas. Sua impressionante pesquisa confirmou que o que acontecera aos meus filhos também ocorre com crianças por todo o mundo. O pesquisador, porém, não fez menção às medidas práticas: o que um pai deve fazer quando seu filho se lembra de uma vida passada? Muitas de minhas perguntas permaneceram sem resposta.

Parti, então, para minha própria pesquisa. Entrei na faculdade, me formei como terapeuta e iniciei a coleta de meus próprios casos. Assim, escrevi um livro para explicar o fenômeno de maneira simplificada e fornecer conselhos úteis aos pais. Escrevi a obra que procurava desde 1988 e que não conseguira encontrar.

Depois que *Crianças e suas vidas passadas* foi publicado, em 1997, passei a receber centenas de e-mails de todo o mundo. Leitores contavam suas histórias e agradeciam pela ajuda na compreensão do que observavam em seus filhos. Estavam aliviados por saber que as experiências de vidas passadas demonstradas por eles não eram nem um pouco incomuns e que tais lembranças poderiam ser benéficas. À medida que mais pessoas foram tomando conhecimento da pesquisa a partir de minhas participações em programas de rádio e de televisão, de palestras e também pelo meu site, inúmeros outros casos começaram a chegar.

Foi então que percebi um intrigante padrão nos novos casos. Muitos deles eram sobre parentes mortos que renasciam na mesma família. Relatei dois casos desse tipo em *Crianças e suas vidas passadas* e até cunhei a expressão *retorno familiar*, mas imaginei que eram exceções à regra e não lhes dei muita atenção. Agora, o número crescente de casos de retorno familiar me fez perceber que eles mereciam uma análise cuidadosa.

O que mais me chamou a atenção a respeito dessas histórias foi o quanto afetavam emocionalmente os pais e familiares envolvidos. Elas diferem dos casos apresentados em meu primeiro livro, nos quais a criança se lembra de ter sido um desconhecido de um passado distante. As famílias desses novos casos se encontram diante da reencarnação de um parente, uma pessoa próxima e bem conhecida. Tudo é muito real, e as questões emocionais geradas por essa situação têm a

complexidade de qualquer relacionamento próximo que é reiniciado depois de longa ausência.

Comecei a incluir esses novos casos em minhas palestras. Cada vez que os contava, percebia claramente a plateia se agitando à medida que as pessoas refletiam sobre suas próprias famílias. De repente, concluíam que a criança que eles comentavam ser “exatamente como o vovô” era o próprio. Muitos se sentiam consolados apenas por saber que um marido, mãe, filho ou avô, pessoas a quem tanto amaram, poderiam retornar para eles como um novo membro da família.

Descobri que essas histórias trazem diferentes e poderosas lições para todos, não apenas para os pais. E a principal delas é a de que a morte não é o fim da vida e que os relacionamentos continuam graças ao milagre da reencarnação. Agora, compartilho com você essas histórias, na esperança de que elas lhe tragam a mesma inspiração e consolo que proporcionaram a tantos outros. Acredito que, como eu, você vai considerá-las ricas em lições espirituais e surpresas reconfortantes.

CAPÍTULO 1

RETORNO FAMILIAR

Dylan tinha apenas 2 anos quando sua mãe, Anne, observou pela primeira vez o seu estranho comportamento. Numa noite, ele estava no chão do corredor divertindo-se com alguns brinquedos. Anne se encontrava na cozinha preparando o jantar quando o ouviu dizer claramente: “Eu também fumo.” Essa afirmação a deixou surpresa, e ela foi dar uma olhada no filho, que estava levando dois dedos aos lábios, afastando-os depois, como se estivesse fumando. Antes que Anne pudesse dizer qualquer coisa, o menino a viu, bateu as mãos nos bolsos da frente das calças e disse: “Eu carrego meus cigarros aqui.” Isso deixou Anne confusa: como ninguém na família era fumante, a quem Dylan poderia estar imitando?

Pouco tempo depois, outro fato estranho. Dylan se divertia com seus *pogs*, pequenos discos de papelão que as crianças colecionam. E exclamou: “Sete! Eu consegui jogar um sete!” Anne ficou intrigada. De onde ele estava tirando aquilo? Tinha certeza de que o filho jamais presenciara uma pessoa apostando nos dados. Mas não deu importância a este e a outros incidentes, classificando-os como mais algumas das curiosas surpresas que as crianças costumam aprontar.

Alguns meses mais tarde, porém, Dylan desenvolveu um comportamento hostil, difícil de ser ignorado. No dia de seu terceiro aniversário, alguém o presenteou com um revólver de brinquedo e ele passou a levá-lo aonde quer que fosse. Se acaso o perdesse ou se alguém o guardasse, Dylan tinha crises histéricas. Dormia com a arma, tomava banho com ela, enfiava-a no cós das calças e até da sunga, quando ia nadar. Ele não estava apegado a uma arma de brinquedo em particular – qualquer uma servia. Sempre que saía de casa, precisava se certificar de que a estava levando. Se a esquecesse, gritava até que lhe dessem outra.

Quando completou 5 anos e estava prestes a ingressar na escola, a obsessão do menino se tornou motivo de real preocupação. A única maneira que Anne encontrou para convencê-lo a deixar o revólver em

casa foi dizer que era contra a lei levar armas para a escola. Apesar de relutante, ele obedeceu.

POP-POP

A primeira pessoa a me contar a história de Dylan foi sua tia Jenny, cunhada de Anne. Jenny havia acabado de ler meu livro, *Crianças e suas vidas passadas*, e estava ansiosa para me falar sobre seu sobrinho de 5 anos. Ela estava começando a acreditar que o menino era a reencarnação do avô dela. Explicou-me que há tempos estava aberta para a possibilidade da reencarnação, mas não sabia que era possível um espírito reencarnar na mesma família a que pertencera. Jenny continuou seu relato:

Nossa família atribuía o comportamento de Dylan àquelas bobagens comuns a todas as crianças. Achávamos graça. Ninguém parou para pensar que poderia haver uma causa. Mas, quando terminei de ler o seu livro, tudo começou a fazer sentido.

Meu avô, a quem chamávamos de Pop-Pop, era policial na Filadélfia e andava sempre armado. Ele tinha uma arma em casa e dormia sempre com ela ao lado da cama. Sempre. Em seus três últimos anos de vida, ficou muito doente. Fumante inveterado, estava morrendo lentamente de enfisema e problemas cardíacos. Mesmo durante sua doença, quando mal podia respirar, continuou fumando.

Ao contrário da maioria das pessoas – que leva os cigarros no bolso da camisa para evitar que amassem –, Pop-Pop carregava o maço de cigarros no bolso das calças, exatamente como Dylan fingia fazer. E vovô adorava jogos de aposta, principalmente dados.

Depois que comeci a juntar os fatos, perguntei à minha mãe (filha de Pop-Pop) sobre os últimos dias de meu avô. Ela me revelou um fato novo. Um dia, enquanto Pop-Pop tirava um cochilo, vovó encontrou a arma dele na sala, escondida sob a almofada do sofá. Vovô a havia tirado de seu lugar habitual, na mesa de cabeceira. Isso a deixou temerosa de que ele pudesse usar a arma para dar fim ao próprio sofrimento. Vovó chamou o filho, que pegou a arma e a jogou no rio. Quando Pop-Pop descobriu, ficou furioso. Acho que jamais se recuperou disso.

Quando minha mãe contou essa história, fiquei toda arrepiada. De

repente percebi: “Meu Deus, isso faz o maior sentido! É por isso que Dylan tem essa obsessão!” Agora estou convencida de que Dylan é o meu avô – o bisavô do menino. Acredito que quer ter certeza de que sua arma permanece com ele o tempo todo. Ainda está reagindo àquele incidente de sua vida anterior, quando ela lhe foi tomada.

Quando Jenny contou sua história, concordamos que era possível que Pop-Pop tivesse voltado como seu próprio bisneto. As estranhas atitudes de Dylan, que não faziam sentido algum no contexto de sua vida atual, faziam perfeito sentido no contexto da vida de Pop-Pop.

Em muitos casos de reencarnação, crianças pequenas assumem comportamentos e imitam atividades que espelham suas vidas e seus hábitos passados. A obsessão de Dylan por armas, cigarros e dados se ajusta aos padrões. Em alguns casos, esses comportamentos incomuns surgem como a primeira pista de que a criança está se lembrando de uma vida passada. Eles são mais aparentes na primeira infância, até cerca de 5 anos de idade, período em que as memórias de vidas passadas estão mais fortes. Geralmente, desaparecem entre 5 e 7 anos, quando a criança se deixa absorver pelo mundo exterior e as impressões de outras vidas normalmente começam a se desvanecer.

Perguntei a Jenny por que ela achava que Pop-Pop poderia voltar como o filho de sua cunhada e de seu irmão. O relacionamento entre eles fora particularmente próximo? Havia algum assunto mal resolvido entre eles? Apesar do que muitos pensam, a reencarnação não é um processo casual. Um espírito pode ser trazido de volta para a mesma família, entre outros motivos, por causa de fortes laços de afeição ou para cuidar de assuntos pendentes.

Jenny também vinha pensando nisso e me falou de uma possibilidade:

Alguns anos antes da morte de Pop-Pop, ele e a esposa se mudaram para uma casa que pertencia ao seu neto Mike, o pai de Dylan. Pop-Pop estava ficando velho e sua saúde andava abalada, por isso ele se sentiu aliviado por morar mais perto da família. Ficaram ali durante dois anos. Então, Mike decidiu que precisava vender a casa, porque a vizinhança estava se tornando decadente. Ela logo foi vendida e Pop-Pop ficou bastante magoado, achando que o neto o estava expulsando.

do de casa. Mike convidou os avós para morar com ele e sua esposa, mas Pop-Pop se recusou, e Mike conseguiu que fossem morar numa outra casa, numa vizinhança melhor.

Acho que vovô nunca se recuperou dos transtornos causados pela mudança. O mais irônico é que, se ele realmente voltou como Dylan, acabou *se mudando* para a casa de Mike e Anne – as mesmas pessoas com quem estava zangado por tirarem-no de sua casa. E agora, como filho único, está recebendo os melhores cuidados!

OS ASSUNTOS PENDENTES DE POP-POP

Eu estava ansiosa para conversar diretamente com Anne e Mike, os pais do menino, para descobrir se teriam algum detalhe a acrescentar. Mas não tinha certeza de que aceitariam falar comigo. Havia outros casos de retorno familiar nos quais, embora um membro da família estivesse convencido de que um parente havia reencarnado entre eles, outros ignoravam os sinais diante de seus olhos e se recusavam a discutir o assunto, porque acreditavam que a reencarnação não passava de uma grande bobagem.

Felizmente, Anne estava disposta a conversar. Quando liguei para sua casa, ela foi cordial, mas me garantiu: “Não há muito o que dizer.” Entretanto, admitiu que Mike e ela ficavam perplexos com o estranho comportamento de Dylan. Durante nossa longa conversa, Anne admitiu que estava intrigada com a coincidência entre a fixação do filho por armas e a revolta de Pop-Pop quando lhe tiraram o revólver. Mas, não, ela não via nenhuma ligação entre os dois casos.

Quando perguntei sobre a reação de Pop-Pop à venda da casa, ela se enterneceu e disse ter esperança de que ele os tivesse perdoado. Seria muito triste saber que ele morrera guardando rancor. Ainda assim, ela não via ligação entre Dylan e Pop-Pop.

Hesitante, Anne disse que uma lembrança viera à sua mente enquanto conversávamos: Dylan sempre demonstrava enorme dificuldade em se despedir dela e do pai. Ele os abraçava e os beijava inúmeras vezes e não parava de agarrá-los, como se nunca mais fosse vê-los. Eu disse a Anne que é bastante comum uma forte ansiedade envolvendo despedidas ser resultado de uma separação súbita ou

morte traumática numa vida anterior, sem que houvesse tempo para dizer adeus.

Perguntei a Anne onde ela estava quando Pop-Pop morreu ou onde haviam se despedido pela última vez. Ela silenciou por alguns instantes e depois exclamou: “Meu Deus! Nós não fomos ao enterro de Pop-Pop!” E prosseguiu nervosa, dizendo que jamais juntara esses dois fatos antes: “Não estávamos com ele quando morreu! Na véspera do enterro, Mike havia passado mal a noite inteira e, como o enterro foi longe daqui, não pudemos ir. Você acha que ele ficou zangado porque não nos despedimos?” Respondi que era bem possível que sim.

Anne analisou novamente todos os fatos – a arma de brinquedo, o cigarro, a ausência no enterro –, enxergando-os pela primeira vez como peças de um quebra-cabeça que se combinam para formar uma figura completa. Tudo começou a fazer sentido para ela, não apenas lógica, mas emocionalmente. Ajudei-a a compreender todo o quadro, explicando-lhe o conceito de *assuntos pendentes*.

Se quando morremos deixamos para trás qualquer questão pendente – uma criança que morre num acidente ou por doença, um adulto que morre cheio de raiva sobre alguma disputa mal resolvida ou alguém que parte preocupado com seus entes queridos que ficaram –, essa questão nos acompanha quando voltamos à Terra num outro corpo, aliada a um ímpeto de finalizá-la ou resolvê-la. Se retornamos à mesma família num período de tempo relativamente curto, retomamos o problema no ponto em que o deixamos antes de morrer.

No caso de Pop-Pop, o amor e a não conclusão podem tê-lo levado de volta à família. Pelo fato de se sentir incomodado com a mudança forçada no fim da vida e porque sua arma lhe fora tomada, seu espírito pode ter ficado num estado de desassossego. Talvez uma parte de Dylan precisasse de um pedido de desculpas ou de uma explicação para concluir aquela outra existência. Talvez ele precisasse apenas de um reconhecimento para eliminar qualquer dúvida quanto ao fato de ter sido amado.

Descrevi para Anne uma técnica simples que auxilia crianças ainda bem pequenas a resolver assuntos do passado. Expliquei a ela que seria possível ajudar Dylan com sua obsessão por armas e ansiedade nas despedidas primeiramente admitindo que ele poderia ser Pop-Pop

renascido. Ela faria isso conversando com o filho como se falasse diretamente com o avô, desculpando-se pelos desentendimentos do passado, explicando que nunca tiveram a intenção de desalojá-lo com a venda da casa. E poderia contar que haviam escondido sua arma porque o amavam e queriam protegê-lo. Nada disso faria mal a Dylan. Se ela estivesse errada, o menino simplesmente continuaria a brincar, ignorando-a. Se estivesse certa, estaria ajudando o filho.

Duas semanas depois, recebi uma carta de Anne.

Após nossa conversa ao telefone, fui até a sala falar com Mike. Dylan estava brincando no chão, parecendo não prestar a mínima atenção ao que eu estava dizendo. Expliquei tudo ao meu marido – nossa conversa sobre a arma e sobre não nos despedirmos de Pop-Pop. Também disse que me sentiria muito triste se Pop-Pop e Nanny (sua esposa) tivessem ficado aborrecidos com a venda da casa.

No dia seguinte, ao sair de casa, percebi que Dylan não estava levando a arma de brinquedo. Perguntei a ele onde estava seu revólver, porque não queria ser obrigada a voltar no meio do caminho para buscá-lo. Dylan olhou para mim e disse: “Não preciso mais dele, mamãe.” E, desde então, não o levou mais. Esta mudança deve ter tido algo a ver com o que eu falei a Mike. Antes disso, nada do que disséssemos a Dylan conseguiria convencê-lo de que não precisava de um revólver. Acho que, ao ouvir nossa conversa, embora não tomasse parte dela, Dylan *entendeu*. Foi instantâneo!

Acredito que a alma de Pop-Pop precisava ter certeza de que tomaríamos conta dele, precisava entender por que não fomos nos despedir e por que sua arma lhe havia sido tomada.

O que aconteceu a Dylan não é um caso isolado. Documentei outras histórias de crianças que encontraram enorme alívio emocional e até curas para problemas físicos quando os pais reconheceram suas memórias de vidas anteriores e falaram sobre assuntos pendentes ou outros problemas específicos do passado que pareciam perturbá-las. Quando a conclusão de uma pendência finalmente acontece, um fardo é retirado dos ombros da criança. Com isso, ela pode esquecer o passado e lançar com força suas raízes no presente. A mudança pode ser

bastante súbita e óbvia: comportamentos estranhos e afirmações relacionadas ao passado desaparecem.

Algumas vezes, não é tão simples assim. Os motivos que fazem um espírito retornar podem ser tão complexos e ocultos que não conseguimos compreendê-los totalmente, nem mesmo quando sua identidade anterior é conhecida. O espírito pode guardar lições mais profundas que só podem ser aprendidas atravessando o curso completo de uma vida e trabalhando diferentes camadas de experiência. Mas a rapidez com que alguns desses problemas podem ser resolvidos sugere que as memórias infantis de vidas oferecem oportunidades naturais de cura do espírito no início de uma nova existência, libertando a criança para que se desenvolva de maneira mais criativa e alegre.

MORRENDO SOB UM COLCHÃO

O comportamento foi a pista básica na história de Dylan. Afirmativas aparecem como uma outra maneira pela qual a criança revela a identidade de uma vida passada. Quando uma criança fala com misteriosa precisão sobre detalhes e fatos da vida de um parente morto – os quais ela não poderia saber de forma alguma –, esse pode ser um sinal de reencarnação.

A próxima história é um exemplo disso. Um menino que assustou a própria mãe, Tracy, quando descreveu os detalhes de uma tragédia familiar sobre a qual ninguém ousava comentar. Ela me descreveu os fatos durante uma entrevista por telefone:

Como eu tinha apenas 2 anos em 1970, quando a casa da minha família foi destruída num incêndio, não me lembro de nada. Até pouco tempo, tudo o que eu sabia era que a tragédia acontecera numa noite muito fria e que meus pais, cinco dos meus seis irmãos e eu conseguimos sair da casa em chamas. Mas meu pai correu de volta para resgatar Gary, meu irmão de 3 anos, e ficou preso lá dentro. Ele e Gary morreram em meio ao fogo. Ninguém na família tocava no assunto porque mamãe ficou totalmente desolada. A simples menção ao episódio era um tabu.

Não tenho lembranças daquela noite horrível, mas meu filho, Peter,

que nasceu em 1990, sabia tudo sobre ela. Começou aos 3 anos de idade, quando acordava no meio da noite gritando: “Mamãe, mamãe!” Toda vez que eu corria até seu quarto, ficava assustada com seu comportamento. Ele parecia acordado, porque ficava sentado, olhando para a frente com os olhos arregalados. Mas, quando eu lhe perguntava o que estava acontecendo, ele me empurrava e gritava: “Vá embora! Quero a minha mamãe!” Esses episódios se repetiram por vários meses, me deixando exausta física e emocionalmente.

Pouco tempo depois, durante o dia, Peter começava a me contar histórias sobre seu *amigo* Gary e como ele morreria. Falava sobre Gary o tempo todo, principalmente sobre a noite em que a família dele foi acordada pelos latidos do cachorro e encontrou a casa em chamas. Ele descreveu a casa chamando-a sempre de “casa amarela”. Disse que, próximo a ela, havia um grande pinheiro, que também foi queimado, e uma entrada para veículos diferente da nossa, porque formava um círculo em frente à casa. Contou, ainda, que os avós de Gary, que moravam do outro lado da rua, correram e ficaram do lado de fora com o resto da família, no frio, assistindo, desconsolados, à casa ser destruída pelo fogo. Ele descreveu os três caminhões dos bombeiros que vieram com as luzes piscando e um bombeiro alto de barba escura.

Peter falava sobre o incêndio com frequência, acrescentando mais um pequeno detalhe a cada vez. Parecia estar enxergando toda a cena e sabia exatamente o que estava acontecendo dentro e fora da casa ao mesmo tempo. Peter descrevia detalhes que eu desconhecía. Cada vez que ele acrescentava alguma informação, eu telefonava para minha mãe, Edith, para verificar sua veracidade. E ela me confirmava que tudo estava correto: a entrada circular, o pinheiro em chamas, os avós, os latidos do cachorro e o bombeiro de barba escura.

O que mais me impressionou foi o fato de Peter descrever como Gary e o pai morreram. Ele disse que, quando o pai correu de volta para a casa para salvar Gary, o caminho ficou bloqueado pelas chamas e eles não puderam sair. Então, se esconderam sob um colchão para fugir da fumaça. Eu não quis perguntar à minha mãe sobre esse terrível detalhe, por isso falei com meu irmão mais velho. Ele confirmou tudo: os bombeiros encontraram os dois corpos debaixo de um colchão.

Comecei a suspeitar que Peter poderia ser a reencarnação de Gary.

Mas tentei achar outra explicação, porque ninguém que conheço acredita nesse fenômeno. Pensei ser possível que Peter tivesse imaginado e acertado todos os detalhes. Mas não podia conceber que um menino de 3 anos imaginasse alguém se escondendo e morrendo sob um colchão. Foi aí que passei a considerar seriamente a hipótese de ele ser mesmo a reencarnação de Gary.

Peter repetiu a história do incêndio, sempre com os mesmos detalhes, por cerca de um ano, até completar 4 anos. As lembranças sempre apareciam espontaneamente e ao acaso, sem que nada as provocasse. Quando descrevia o incêndio, a mudança de comportamento era total. Normalmente, era despreocupado e alegre. Mas, ao falar sobre o incêndio, ficava sério e centrado nas imagens que apareciam em sua mente.

As descrições precisas de Peter, sua mudança de comportamento e o fato de que suas memórias se fixavam em sua morte traumática são condizentes com os padrões que encontrei nas memórias infantis de vidas passadas. Quando uma criança pequena fala de uma vida anterior, seu tom se torna sério, firme, sem a cadência e o ritmo característicos das situações em que expressa suas fantasias. Seu semblante adquire serenidade, quase como o de um adulto. Ao contrário do que acontece às fantasias, os detalhes dessas histórias ganham consistência com o passar do tempo. À medida que o vocabulário da criança aumenta, a história pode ficar mais rica em detalhes, mas sua essência permanece a mesma.

Quando as crianças se lembram de vidas passadas, costumam descrever acontecimentos envolvendo sua morte mais recente, principalmente quando traumática. Para espanto dos pais, num tom casual, um filho afirma que se lembra de ter recebido um tiro, de ter morrido num acidente de automóvel ou numa guerra, muitas vezes fornecendo detalhes realistas. No caso de Peter, ele sabia que Gary e o pai ficaram encolhidos sob um colchão para se proteger da fumaça – algo que um menino de 3 anos jamais conseguiria imaginar. Esse tipo de detalhe preciso costuma ser o primeiro alerta para que os adultos percebam a manifestação das memórias infantis de vidas passadas.

A mãe de Peter, Tracy, encontrou uma oportunidade de testar a

memória do filho. Edith tinha uma fotografia de toda a família, tirada pouco antes da morte de Gary. Era um dos poucos objetos que sobreviveram ao incêndio. Tracy mostrou a fotografia a Peter e ele logo apontou para Gary, dizendo: “Este aqui é o meu amigo Gary.” Tracy pôde perceber que Peter e Gary eram muito parecidos, quase como gêmeos idênticos.

Um outro comportamento do filho que Tracy acredita ter origem na tragédia é o seu medo histérico de fogo. Se alguém acende um cigarro na sua frente, ele entra em pânico e foge. Se vê um isqueiro, reage da mesma forma. Também não gosta de fogões à lenha, e a visão do aquecedor a querosene usado por Edith o deixa transtornado.

Ninguém sabe como começou o incêndio que matou Gary. Mas, pelo que conhecemos sobre o funcionamento das memórias de vidas passadas em geral, a fobia de Peter a qualquer elemento capaz de dar início a um incêndio é compreensível. Existem centenas de casos documentados a respeito de crianças bem pequenas com fobias que se originaram na maneira como morreram numa existência anterior, principalmente se a morte foi súbita ou traumática. Por exemplo, bebês que choravam com histeria sempre que um avião passava e, ao aprenderem a falar, lembravam que “quando eram grandes” as bombas vindas dos aviões os mataram.

Logo depois que Peter começou a falar sobre o incêndio, Tracy encorajou sua mãe a questioná-lo diretamente. Edith fez perguntas e Peter deu as respostas certas. Desde então, ele parou de contar sobre o incêndio à mãe e passou a tocar no assunto somente com a avó. Para enorme alívio de Edith, essas conversas a convenceram de que Peter era Gary renascido. Pela primeira vez em mais de 20 anos, ela era capaz de falar com a família sobre o incêndio e conseguia mencionar o nome do filho morto.

Quando começou a se abrir e a falar sobre a tragédia, Edith revelou a Tracy um doloroso segredo que havia guardado por todos aqueles anos após a morte de Gary. E Tracy me contou:

Minha mãe nunca batia nos filhos – nunca –, não importava o que fizéssemos. Descobri há pouco tempo o porquê. Na noite em que Gary morreu, antes que ele fosse para a cama, ela lhe dera uma surra por

algo que ele havia feito. Logo depois, ele morreu. Além de não ter tido chance de dizer adeus, o último ato de minha mãe para com Gary foi um castigo. Ela se sentia muito culpada! Por isso não conseguira tocar no assunto durante todos aqueles anos. Mas Peter nunca disse nada sobre a surra. Sinto-me bem em saber que minha mãe teve uma segunda chance e que não precisa mais carregar essa culpa. Agora que Gary voltou, ela pode relaxar. Está livre.

Acredito que Gary retornou para estar de novo com mamãe e ajudá-la a se curar da terrível tragédia acontecida há tantos anos. Os dois têm uma proximidade muito grande e se sentem muito bem quando estão juntos. Algumas vezes, mamãe se engana e chama o neto de “filho”. E ele responde chamando-a de “mamãe”. Agora, sempre que Peter está com problemas, não vem falar comigo. Primeiro, conversa com minha mãe. Eu poderia me sentir relegada a segundo plano se não soubesse que ele é Gary renascido e que precisa ter essa relação especial com minha mãe.

Tracy compreendeu por que Gary voltou para estar com Edith. Mas por que ele retornou como seu filho e não como filho de um de seus cinco irmãos? Ela acha que Gary a escolheu porque, sendo a única filha, Tracy era a mais próxima da mãe emocionalmente, e, como moravam perto, Peter poderia passar mais tempo com Edith. Revendo os fatos, Tracy também acha interessante que Edith tenha insistido em estar presente quando Peter nasceu – entre vários netos, foi o único parto ao qual quis assistir. Talvez tenha sentido que aquele seria um neto especial. É o seu favorito.

As memórias de vidas passadas de Peter trouxeram profundas transformações para Tracy. Render-se ao fato de que o irmão morto e o filho são, de alguma forma, a mesma pessoa expandiu sua vida interior e lhe ofereceu consolo, esperança e um desejo de aprender mais sobre o mundo dos espíritos.